

## NOVOS MODOS DE MORAR E CONSUMIR E A PRODUÇÃO DA DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL EM CATANDUVA E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP<sup>1</sup>

MILANI, Patrícia Helena<sup>2</sup>

Recebido (*Received*): 07/06/2017 Aceito (*Accepted*): 28/03/2018

### Resumo

O cotidiano é nossa dimensão de análise e as práticas espaciais dos moradores de espaços residenciais fechados de Catanduva e São José do Rio Preto - SP nosso plano analítico. Isso nos permitiu identificar como o processo de diferenciação socioespacial se expressa na produção do espaço urbano, sobretudo a partir dos espaços vividos e representados, conferindo sentidos e significados às práticas, que envolvem relações contraditórias entre espaços internos e externos, fechados e abertos e dão conteúdo ao cotidiano. Com base na realização de 22 entrevistas e em observações de campo, a pesquisa revelou que, sob o discurso da busca por segurança, os sujeitos pesquisados valorizam e produzem uma distinção socioespacial, onde o espaço urbano é uma condição. Haja vista que, em uma cidade com número elevado de espaços residenciais fechados e *shopping center*, como São José do Rio Preto, apenas morar e consumir em um deles não é distinção suficiente, é necessário ainda indicar em qual deles. Em Catanduva há permanências das práticas tradicionais de consumo, no centro principal, porém, quando articulamos escalas, levando em conta as práticas de consumo dos entrevistados de Catanduva que frequentam certos *shopping centers* de São José do Rio Preto, verifica-se que a produção da diferenciação socioespacial também é produzida. Tal busca modifica as maneiras como esses sujeitos sociais vivenciam o urbano e aquilo que lhe é inerente, sendo a cidade cada vez mais vivida e representada em fragmentos, sobretudo entre as áreas norte e sul de São José do Rio Preto.

**Palavras-Chave:** Práticas Espaciais. Espaços Residenciais Fechados. *Shopping Centers*. Catanduva e São José do Rio Preto-SP.

## NUEVOS MODOS DE VIVIR Y CONSUMIR Y LA PRODUCCIÓN DE LA DIFERENCIACIÓN SOCIOESPACIAL EN CATANDUVA Y SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

### RESUMEN

El cotidiano es nuestra dimensión de análisis y las prácticas espaciales de los habitantes de espacios residenciales cerrados de Catanduva y São José do Rio Preto - SP nuestro plan analítico. Eso nos permitió identificar cómo el proceso de diferenciación socioespacial se expresa en la producción del espacio urbano, sobre todo a partir de los espacios vividos y representados, confirmando sentidos y significados a las prácticas que envuelven relaciones contradictorias entre los espacios internos y externos, los cerrados y abiertos y dan contenido a lo cotidiano. Con base en la realización de 22 entrevistas y en observaciones de campo, la investigación reveló que bajo el discurso de la búsqueda por la seguridad, los sujetos investigados valorizan y producen una distinción socioespacial donde el espacio urbano es una condición. Dado que, en una ciudad con un número elevado de espacios residenciales cerrados y centros comerciales como São José do Rio Preto, apenas vivir y consumir en uno de estos no es distinción suficiente, se hace necesario indicar en cuál de estos. En Catanduva hay permanencias de las prácticas tradicionales de consumo en el centro principal, sin embargo, cuando articulamos escalas teniendo en cuenta las prácticas de consumo de los entrevistados de Catanduva que frecuentan ciertos centros comerciales de São José do Rio Preto, se verifica que la producción de la diferenciación socioespacial también es producida. Tal búsqueda modifica las maneras cómo estos sujetos sociales vivencian lo urbano y aquello que le es inherente, siendo la ciudad cada vez más vivida y representada en fragmentos, sobre todo entre las áreas norte y sur de São José do Rio Preto.

**Palabras clave:** Práticas Espaciales. Espacios Residenciales Cerrados. Centros Comerciales. Catanduva e São Jose do Rio Preto/SP.

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado realizada na Universidade Estadual Paulista, no Programa de Pós Graduação em Geografia, com apoio financeiro da CAPES. A pesquisa foi orientada pela Profa Dra Eda Maria Góes e se vinculou ao Projeto Temático: “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”.

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. E-mail: patriciah.milani@gmail.com.

## NEW WAYS OF LIVING AND CONSUMING AND THE PRODUCTION OF THE SOCIOESPACIAL DIFFERENTIATION IN CATANDUVA AND SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

### ABSTRACT

The everyday, as a unit of space and time is our analysis dimension, having the space practices of the social subjects surveyed - residents of closed residential spaces of Catanduva and São José do Rio Preto - SP - as analytical plane. This allowed us to identify how the process of socio-spatial differentiation is expressed in the urban space production, especially from the lived and represented spaces, imparting meanings to the practices, which involve contradictory relations between internal and external spaces, closed and open and give content to daily life. Based on 22 interviews and field observations, the research revealed that, under the speech for safety, the subjects studied value and produce a socio-spatial distinction, where urban space is a condition. Since in a city with a large number of closed residential spaces and a shopping center such as São José do Rio Preto, only living and consuming in one of them is not sufficient distinction, it is still necessary to indicate in which one. In Catanduva there are traditional consumption practices at the main downtown, but when we operate from the scalar articulation process, taking into account the consumption practices of the Catanduva interviewees who attend certain shopping centers in São José do Rio Preto, the production of socio-spatial differentiation is also effective. This search modifies the ways in which these social subjects experience the urban and what is inherent to it, being the city more and more lived and represented in fragments, mainly between the north and south areas of São José do Rio Preto.

**Keywords:** Spatial Practices. Closed Residential Spaces. Shopping Centers. Catanduva and São José do Rio Preto-SP.

### 1. Introdução

Expansão territorial, implantação de novos loteamentos e áreas comerciais voltados para o consumo de diferentes segmentos socioeconômicos são algumas das principais tendências que marcam o processo de urbanização brasileira, desde as últimas décadas do século XX, inclusive com alteração da relação “centro-periferia”, que orientou durante muito tempo a lógica de produção do espaço urbano e as práticas espaciais dos sujeitos sociais.

Esse conjunto de mudanças envolve transformações nas formas de articulação entre espaço e tempo, tanto na escala intraurbana, como nas relações entre as cidades, estabelecidas pelas práticas espaciais que caracterizam o cotidiano urbano. A consolidação desses novos empreendimentos não resulta no desaparecimento de outras formas de habitação e espaços de consumo, mas revela uma recombinação entre as práticas espaciais que dão conteúdo e compõem a cidade e assim a complexifica.

Diante da intensificação do processo de implantação de empreendimentos residenciais e de consumo, murados e vigiados com câmeras de segurança, partimos da necessidade de compreender as conexões e desconexões entre esses espaços por meio das práticas e representações sociais dos sujeitos pesquisados, moradores de espaços

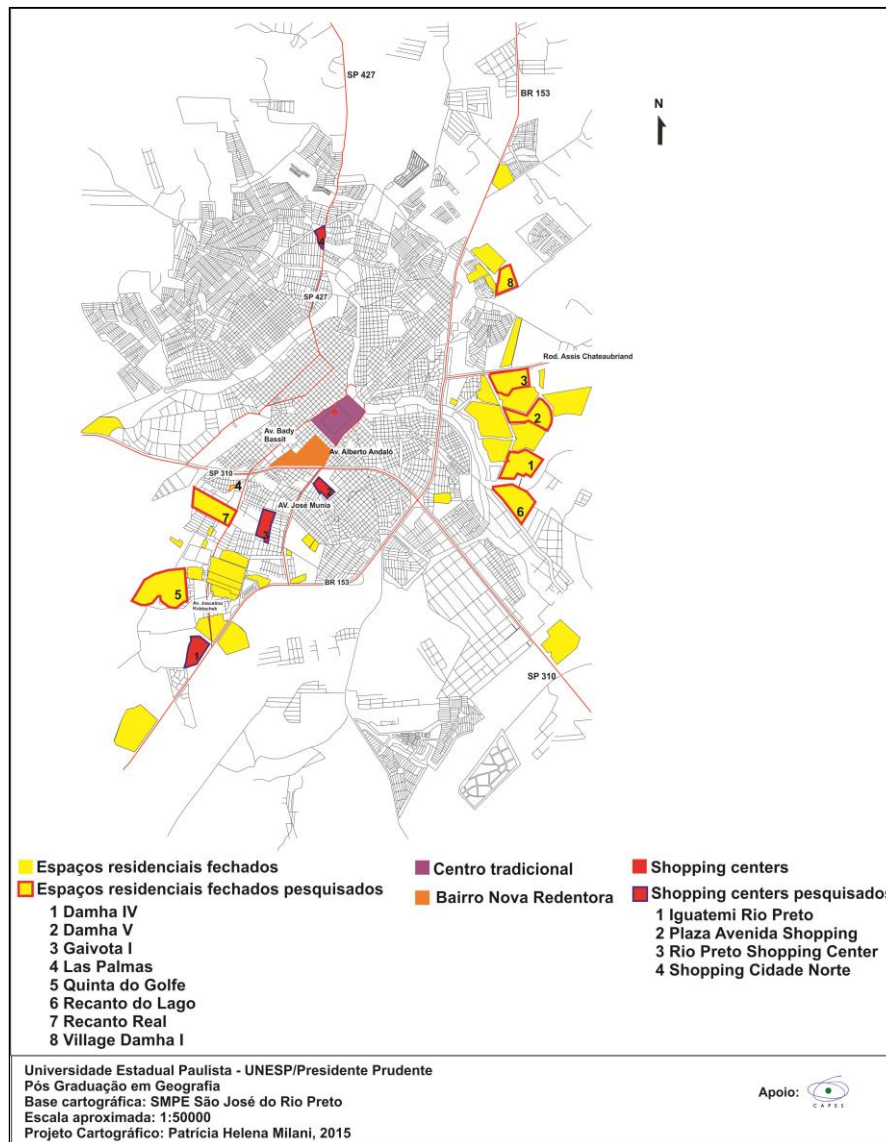
residenciais fechados de classe média<sup>3</sup>, tendo como recorte espacial duas cidades não metropolitanas, Catanduva e São José do Rio Preto, o que nos permitiu comparar como o processo de diferenciação socioespacial se expressa entre duas cidades com diferentes graus de complexidade.

Para abordar tal problemática, elegemos o cotidiano como dimensão analítica, tendo como principal instrumento metodológico a realização de entrevistas com moradores, no âmbito da metodologia qualitativa, por meio das quais procuramos privilegiar a fala dos investigados, seus depoimentos sobre as experiências vividas socioespacialmente, opiniões e pontos de vista. Assim, identificamos o reforço de aspectos de diferenciação socioespacial entre os espaços internos dos residenciais fechados e *shopping centers*, combinado ao estilo de vida que esses moradores valorizam, em oposição ao que representam como negativo na cidade, sobretudo as relações, encontros e imprevisibilidades inerentes aos espaços públicos. Combinado às entrevistas, observações de campo nos espaços internos e externos dos residenciais fechados que pesquisamos, possibilitaram um aprofundamento nas análises, sobretudo pelo contato com práticas espaciais dos próprios entrevistados que ora confirmavam, ora complementavam, ora se contrapunham, às suas falas.

Foram realizadas treze entrevistas entre moradores dos residenciais Damha IV e V, Gaivotas I, Las Palmas, Recanto do Lago, Recanto Real, Village Damha I e Quinta do Golfe, em São José do Rio Preto, sendo os *shoppings centers* Cidade Norte, Rio Preto Shopping, Plaza Avenida Shopping e Iguatemi, os empreendimentos pesquisados. Em um universo mais restrito de pesquisa, em Catanduva realizamos nove entrevistas com moradores do Residencial Acapulco e identificamos as conexões e desconexões com o Garden Shopping, mas também com os *shopping centers* da primeira cidade. Nas Figuras 1 e 2 localizamos espaços residenciais e os *shopping centers* pesquisados de cada uma delas.

---

<sup>3</sup> Compreendemos que classes sociais não se restringem à renda e ao padrão de consumo; embora esses aspectos sejam importantes, levamos em conta um estilo de vida e uma visão de mundo prática desses sujeitos, que se materializa no cotidiano, podendo garantir a reprodução de uma classe ao longo do tempo (Souza, 2010).



**FIGURA 1:** São José do Rio Preto. Localização dos espaços residenciais fechados pesquisados e equipamentos urbanos.

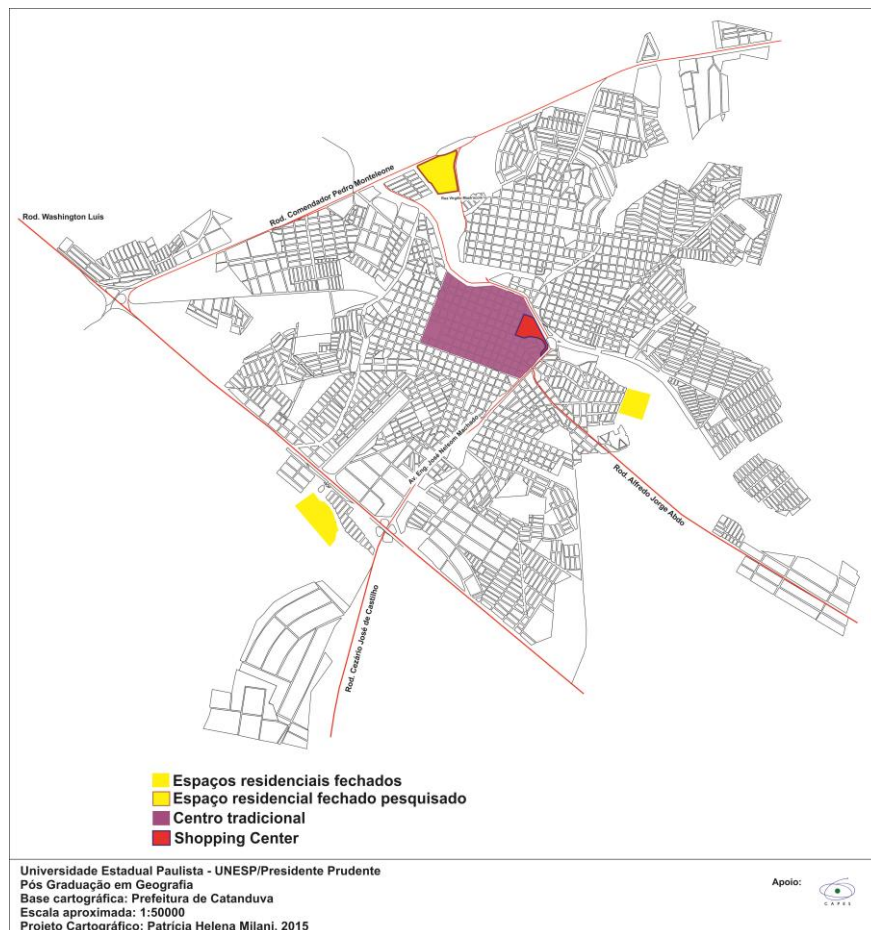


FIGURA 2: Catanduva. Localização dos espaços residenciais fechados e equipamentos urbanos.

## 2. Produzindo a diferenciação socioespacial no cotidiano dos residenciais fechados: *Não entra ninguém sem interfonar, ninguém te pega de surpresa*

Identificamos o espaço como uma condição para consolidação de um estilo de vida distintivo produzido nas cidades. Tal dimensão é tratada de maneira intrínseca na análise, compreendendo que as intencionalidades dos sujeitos, que consomem e valorizam os espaços residenciais fechados<sup>4</sup> de Catanduva e São José do Rio Preto, estão vinculadas às formas de se distinguirem socioespacialmente, reforçando a maneira como a desigualdade social produz o espaço urbano.

Por isso, é necessário levar em conta que o poder econômico pressupõe o exercício de uma dominação simbólica que lhe é concomitante (SOUZA, 2010, p. 40), uma vez que os produtos simbólicos mais valorizados pelos sujeitos sociais de classe média são sempre os

<sup>4</sup> Adotamos a expressão “espaços residenciais fechados”, assim como Sposito e Góes (2013, p. 61), que trataram de espaços semelhantes. Essa terminologia designa todos os empreendimentos residenciais horizontais murados e controlados por sistemas de segurança, ainda que haja diferenças entre eles, tanto do ponto de vista jurídico, como dos elementos – físicos e simbólicos – que os caracterizam.

que mais se aproximam dos consumidos pela elite e mais se afastam das classes populares. Algumas evidências dessa dominação simbólica se expressam em práticas espaciais mencionadas durante as entrevistas, principalmente entre os entrevistados dos espaços residenciais fechados de São José do Rio Preto.

Os depoimentos evidenciam uma satisfação pela previsibilidade dos encontros, mas, sobretudo, pelos não encontros com aqueles que não têm autorização para entrar, nesse caso: pedintes e vendedores ambulantes. Verificamos que os muros e o caráter privado desses empreendimentos promovem uma despreocupação com a ordem urbana como um todo e, portanto, pautam-se num estilo de vida exclusivo e excludente (CALDEIRA, 2000, p. 309). A fala que segue é exemplar nesse sentido.

Não, bom, aqui também não passa vendedores, não passam nem para pedir, nem para vender. Eu acho ótimo, não entra ninguém sem interfonar, ninguém te pega de surpresa, [...] e, se você mora num bairro aberto, *aí* o pessoal bate, toca a campainha, e aqui não, é tudo avisado, e não tem problema nenhum. (Selma, dona de casa, 42 anos, Village Damha I, São José do Rio Preto)

Por outro lado, não desconsideramos que o cotidiano vivido produz situações que implicam a impossibilidade do fechamento em uma totalidade sincrônica (MASSEY, 2008, p. 168), seja pelos funcionários e prestadores de serviços que entram e saem cotidianamente desses espaços, seja pelas imprevisibilidades presentes, mesmo que de modo esporádico. Conforme relataram os entrevistados de São José do Rio Preto em diferentes momentos, nem mesmo o emprego de mecanismos de controle cada vez mais sofisticados, diretamente relacionados com a incontornável necessidade de defrontar-se cotidianamente com esses trabalhadores pobres, elimina a ocorrência das imprevisibilidades. Isso faz com que outras práticas discriminatórias e de distinção sejam produzidas no âmbito dos espaços internos aos muros.

*[Quais são as medidas de segurança adotadas pelo condomínio?]*

É o mesmo de todos os condomínios da Encalso. Eles fazem a carteirinha hora que entra, tem a identificação com RG, CPF, eu que trabalho com obras, toda vez que a gente começa uma obra nova, a gente tem que deixar uma lista de todos os pedreiros, todo mundo que vai entrar, os antecedentes criminais deles, documentos deles e *tal*. Isso fica muito difícil na hora do acabamento da obra, porque *aí* entra muito fornecedor, marmoraria, ***aí nessa hora, eles [seguranças] dão uma perdidinha de controle sabe, e é onde acontece furto dentro de condomínio, principalmente em horário comercial. Então horário comercial é onde a gente tem preocupação, a gente fecha tudo e de noite a gente fica mais tranquilo.*** (Grifo nosso. Amanda, 27 anos, arquiteta, Damha IV, São José do Rio Preto)

A narrativa de Amanda evidencia características também presentes nas outras, dentre as quais a relação direta entre pobreza e violência, de maneira semelhante aos depoimentos colhidos por Sposito e Góes (2013, p. 262). Essa relação, característica do âmbito da cidade,

desdobra-se nos espaços internos aos muros, especializando-se ao associar-se com a necessidade de maior controle no horário dos trabalhadores, embora regras adicionais sejam implementadas nos casos em que os trabalhadores moram nos espaços internos aos muros.

Ela mora com minha família [*a empregada*], mas não pode frequentar academia, se for empregado não pode, a piscina só como acompanhante, que eu saiba sozinho não, sem ser morador não pode frequentar, só para os moradores. (Carlos, 49 anos, aposentado, Recanto Real, São José do Rio Preto)

Nesse caso, ela é uma moradora, mas, antes disso, ela é empregada, então as diferenças entre as classes sociais são naturalizadas. Porém, quando questionados acerca das medidas de controle em relação aos trabalhadores, os entrevistados tendem a simplificar, anulando uma distância construída ao longo da narrativa. Produzindo uma violência simbólica, por meio de uma linguagem e um discurso baseado no encobrimento, na dissimulação e na transfiguração da real demarcação das diferenças entre esses sujeitos de diferentes classes sociais e suas posições, em alguns casos, são valorizadas inclusive medidas de invisibilização desses sujeitos sociais: “de forma específica, na Quinta do Golfe, os ônibus não passam lá perto, porque o condomínio é extenso, o ônibus passa só num pedaço, na parte de cima, onde está a portaria de serviço, ele não chega até a frente”, como descreve Júnior, morador da Quinta do Golfe, que possui portaria separada e estratégias de controle diário desses trabalhadores, mas não possui pontos de ônibus na área frontal do empreendimento, o que caracteriza medidas discriminatórias e excludentes.

No âmbito dos empreendimentos do Grupo Damha e do Quinta do Golfe, ficaram evidentes as medidas mais acirradas de controle e discriminação em relação aos demais residenciais fechados pesquisados; contudo, tais medidas são valorizadas por todos os moradores e tidas como modelos, como demonstra a fala de Maíra, moradora do Recanto Real. Um exemplo do sistema mais rígido de segurança são as normas de identificação dos moradores, adotadas pelos empreendimentos do Grupo Damha, implementadas no Quinta do Golfe<sup>5</sup> desde a inauguração, por meio de digitais, além do Tag<sup>6</sup>, sistema combinado para identificar o morador na entrada, quando estiver em situações consideradas de risco, por meio de uma digital específica, pré-combinada, como explica a narrativa de Olga, moradora do Damha V.

Quando a gente entra, o morador, entramos com a digital, e se tiver alguém com a gente, por exemplo, um assaltante e está entrando com a gente, aí temos uma outra digital de segurança. Temos duas digitais gravadas na portaria, uma para entrar normal e outra que eles ficam sob alerta e enviam um carro da segurança para averiguar se está tudo bem, como um código de segurança, registramos uma digital específica e quando a usamos, estamos avisando que algo está errado. É como se

<sup>5</sup> “Tem o Tag e a digital, depois de uma certa hora, os portões fecham e aí tem que passar a digital também, tem que ter os dois” (Junior, 25 anos, desenvolvedor de sistemas, São José do Rio Preto).

<sup>6</sup> Cartão com acionamento automático da portaria para moradores.

fosse um botão do pânico, quando vamos cadastrar as digitais, eles já pedem uma para esse tipo de aviso. (Olga, 25 anos, arquiteta, Damha V, São José do Rio Preto)

Eu ainda acho que falta um pouquinho de segurança, nessa coisa assim de não ter câmera nas ruas ainda, eu não sou a favor dos carros terem o Tag, porque tem morador que já comprou para filha que não mora aqui, pra mãe que não mora aqui, pro genro, por exemplo, minha mãe mora em Votuporanga e tem o Tag, meu marido vendeu o carro e esqueceu de tirar o Tag. Então eu acho que tem que ser uma digital, eu acho que tinha que ser um outro esquema [...]. Então eu vejo que falta câmera de segurança nas ruas, faltam as coisas [...], eu acho que falta acontecer alguma coisa grave para alguém tomar providência. (Maíra, 39 anos, médica, Recanto Real, São José do Rio Preto)

Além da valorização do sistema de digital para a entrada dos moradores, Maíra também ressaltou a necessidade de implantação de câmeras por todas as vias internas, uma vigilância sem intervalo de tempo, por vinte e quatro horas<sup>7</sup>. O mais próximo disso pode ser verificado na Quinta do Golfe, porém, mesmo que haja esse sistema mais acirrado de vigilância e controle, ainda não é possível identificar uma satisfação do morador.

Eu acho que a prevenção existe, sempre é possível burlar, se o cara quiser, só ele estudar um pouco ele vai conseguir, mas é lógico que a gente gostaria de mais coisas, eu acho que talvez mais rondas [...]. Eu não acho que o número de seguranças seja pouco, mas não há seguranças vinte e quatro horas em todos os lugares, porque o custo seria muito grande, **mas esse tipo de coisa que resolveria**. Porque câmera, a pessoa que faz o serviço de olhar as câmeras, ela não consegue ver tudo ao mesmo tempo e, mesmo que conseguir, até ela contatar alguém para chegar no local, talvez alguma coisa já aconteceu. (Grifo nosso. Júnior, 25 anos, desenvolvedor de sistemas, Quinta do Golfe, São José do Rio Preto)

Esse é um aspecto que compareceu em todas as entrevistas, entre os moradores das duas cidades pesquisadas, ou seja, um contínuo desejo de que os aparatos de segurança sejam reforçados. A fala de Júnior, que exemplifica muitas outras, foi escolhida por ele ser morador de um dos espaços residenciais fechados que possui medidas e sistemas de segurança mais rígidos dentre os empreendimentos pesquisados, de modo semelhante aos Damhas.

Além disso, Júnior explicita uma valorização dos serviços privados, nesse caso, de segurança, com desvalorização simultânea de um problema que é público, evidenciando uma crescente busca por soluções individuais e mercantilizadas de problemas que são coletivos. Assim se conforma uma realidade de crise, sobretudo, política, em relação à cidade, que dificulta a compreensão dos papéis e posicionamentos que os sujeitos sociais devem exercer e assumir em relação aos problemas coletivos. O mercado propõe soluções mercantis e comerciais para tais problemas, que devem ser consumidas individualmente, assumindo um protagonismo que caberia, em primeira instância, ao poder público. Como

---

<sup>7</sup> Isso possibilita um paralelo com uma realidade mostrada no cinema, no filme “*Show de Truman*”<sup>7</sup>, cujas ações e comportamentos do personagem principal são monitorados permanentemente e assistidos por centenas de pessoas.



decorrência, a segurança, que seria um direito de todos, torna-se, cada vez mais, uma mercadoria acessível a quem pode pagar por ela.

No plano das diferenças, nos espaços residenciais fechados de São José do Rio Preto, as regras dirigidas aos empregados também radicalizam as diferenças entre os espaços internos e externos aos muros, de forma mais evidente, se comparados ao Residencial Acapulco de Catanduva. Seus moradores estabelecem uma contraposição com os espaços públicos, que combinam uma mistura maior de sujeitos socioeconomicamente diferentes<sup>8</sup>, o que implica exposição às inevitáveis confusões de funções e *status* social.

As conformações arquitetônicas, que não são neutras, acirram as posições hierárquicas e discriminatórias entre trabalhadores e moradores dos espaços residenciais de São José do Rio Preto, desde as entradas, separadas entre eles, até os controles pelos quais passam todos os dias os trabalhadores. Isso os diferencia do Residencial Acapulco, que não possui entradas separadas entre trabalhadores e moradores. Além disso, alguns entrevistados mencionaram “brechas” (como no caso das falas de Karen, a seguir<sup>9</sup>), o que compareceu de maneira menos significativa entre os entrevistados de São José do Rio Preto.

Por exemplo, eu tenho uma amiga, que trabalha comigo, e ela tem amigos aqui no condomínio, um dia ela estava comentando que ela tem um sonho de..., ela namora, enfim, de construir num condomínio, e ela comentou sobre a questão da segurança, você vê, ela veio com o namorado um dia à noite, veio buscar um rapaz para sair com eles, então veio com um carro bom, acho que uma *Mitsubishi*, um negócio assim, um carro bom, novo, não é? *Aí* entrou, e falaram que iriam na casa do fulano, tudo bem, a portaria anunciou, porque assim você viu na hora que você entrou, telefona e tudo bem, aí eles entraram. Na segunda vez que eles vieram, tinha trocado o porteiro, e ele estava junto com o morador, aí o morador falou assim para ele [*para o amigo*]: “ó vamos fazer um teste, fala boa noite para o porteiro e não fala nada onde você vai”. E o cara [*porteiro*] liberou ele para entrar. Entendeu? Então ele passou com aquele carrão. (Karen, professora, 40 anos, Acapulco, Catanduva)

[*Mas o porteiro viu o morador dentro do carro*]

Não viu, porque o morador estava no banco traseiro e o carro tinha insulfilmado. Então, ele passou, falou boa noite, e o porteiro achou que fosse morador. Eu até comentei com o síndico, falei: olha, precisa tomar mais atenção em relação a isso, **só pela aparência já deixou entrar**. (Grifo nosso. Karen, professora, 40 anos, Acapulco, Catanduva)

Essa diferença acentua uma particularidade de um espaço residencial fechado de Catanduva, cidade que se caracteriza por menor complexidade que São José do Rio Preto. No Residencial Acapulco, a vivência cotidiana e o funcionamento do sistema de segurança,

<sup>8</sup> Mas isso não quer dizer que há integração entre eles.

<sup>9</sup> Além da “brecha” em relação à segurança do residencial, a fala de Karen reforça as possibilidades de sujeitos conhecidos morarem no mesmo espaço residencial fechado, no contexto de Catanduva, o que pode ser considerado como mais uma particularidade desses espaços residenciais fechados de uma cidade média nos limiares, em contraposição a um sistema de controle e segurança mais rígido que predomina nos espaços residenciais fechados de cidades médias e das metrópoles.

apesar de ter como “modelos/referências”, práticas dos espaços residenciais fechados produzidos em outras cidades médias e em cidades metropolitanas, revelam a impossibilidade de segui-los de maneira rígida, tanto pelas diferenças entre as estruturas físicas dos empreendimentos, como pelas relações sociais predominantes.

No interior dos muros dos espaços residenciais fechados de São José do Rio Preto, as regras e controles sobre os trabalhadores produzem uma hierarquia de funções e de posições, tendo como objetivo uma separação entre os *iguais* (moradores) e os *outros*<sup>10</sup>, como um mecanismo de cristalização das diferenças (SVAMPA, 2001), uma vez que a identidade social, almejada pelos entrevistados, define-se e afirma-se nessas diferenças (BOURDIEU, 2008, p. 164). Os esforços para delimitar tais posições são resultantes de relações simbólicas entre sujeitos de classes sociais diferentes. Expressam diferenças de posição, segundo uma lógica sistemática, que conformam marcas de distinção (BOURDIEU, 2007, p. 14), as quais, ao mesmo tempo, constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social. Essas marcas são mais evidentes nos espaços internos, caracterizando um estilo de vida distintivo, a partir do espaço em que vivem.

Atribuímos a diferença em relação à Catanduva à maior possibilidade dos moradores e funcionários se conhecerem nessa cidade, o que ameniza a necessidade de distinções e controles, uma vez que “cada um sabe o seu lugar e o lugar do outro”, numa espécie de “contrato social”, entendido como a metáfora fundadora da racionalidade social e política da modernidade ocidental (SOUZA, 2002, p. 7). As estruturas dos espaços de uso coletivo do Residencial Acapulco são menores em comparação aos dos empreendimentos pesquisados de São José do Rio Preto e não possuem equipamentos, como academias e pistas de caminhadas, os quais necessitam de serviços especializados, portanto, de mais empregados nos espaços internos, o que exige regras destinadas a essas demarcações de posições, segundo as estratégias de distinção presentes nesses empreendimentos. Como resultado da comparação, evidencia-se uma diferença entre os espaços residenciais fechados localizados em cidades médias com diferentes tamanhos e graus de complexidades, sobretudo das relações socioespaciais.

No plano das tendências identificadas nos espaços residenciais fechados das duas cidades, os empregados reproduzem, de forma similar, na prática, os códigos de classificação de seus padrões (CALDEIRA, 2000, p. 258). A representação de quem possa ser morador ou não tende a ser incorporada, como compareceu no relato de Karen (anteriormente citado).

---

<sup>10</sup> Nesse caso, os outros são os trabalhadores pobres cuja entrada pode ser cada vez mais controlada. São empregadas domésticas, pedreiros, entregadores, prestadores de serviços como eletricitas, jardineiros etc.

A importância das aparências na sociedade contemporânea, amplamente constatada por diferentes pesquisadores, é assim reafirmada.

O esforço para delimitar as posições de cada um dentro desses espaços residenciais fechados está associado ao processo de constituição de uma classe média que deseja “desfrutar” de um estilo de vida distintivo que intensifica, sobretudo, conflitos já existentes nos espaços externos aos muros, elaborando regras internas que legitimam, ao mesmo tempo em que escondem sob uma cortina de fumaça, conflitos que são inerentes à cidade, uma vez que: “o urbano poderia ser definido como lugar da expressão dos conflitos, invertendo a separação dos lugares onde a expressão desaparece, onde reina o silêncio, onde se estabelecem os signos da separação” (LEFEBVRE, 1999, p. 160).

### **3. Conexões e desconexões entre espaços residenciais fechados e *shopping centers***

O consumo e parte das práticas de lazer realizadas nos *shopping centers* integram o estilo de vida distintivo que se expressa socioespacialmente como um novo *habitus* (BOURDIEU, 2007) do consumo, para o qual os entrevistados procuram espaços “exclusivos” em outros âmbitos da vida urbana, além do residencial. Em uma perspectiva similar à de Sposito e Góes (2013, p. 299), compreendemos que, além dos trajetos e percursos, nossos entrevistados buscam espaços com os quais se identificam socioeconomicamente, constituindo diversas formas de integração espacial que os mesmos segmentos sociais articulam entre si, sem propiciar de maneira efetiva o encontro com o outro.

A localização dos dois *shopping centers* no espaço urbano de São José do Rio Preto, Iguatemi e Cidade Norte, nas áreas sul e norte, respectivamente, é uma condição para sua instalação. Os elementos físicos que os caracterizam, os símbolos e signos utilizados para sua representação, revelam o público consumidor que buscam atrair, sobretudo pela presença ou ausência de lojas de *griffes* e franquias. Mesmo que isso não seja absoluto, os dois empreendimentos produzem espaços de consumo para diferentes segmentos socioeconômicos, assim naturalizam a segmentação que, além de expressar, aprofunda o processo de fragmentação socioespacial nessa cidade.

Fomos uma vez [*no Shopping Cidade Norte*], nos perdemos mesmo com GPS, chegamos lá, o shopping é aberto, então o ar condicionado não funciona direito, aliás nem sei se tem ar condicionado. (Vivian, professora universitária, 44 anos, Village Damha I, São José do Rio Preto)

Essa segmentação entre as áreas sul e norte de São José do Rio Preto comparece explicitamente nas falas dos entrevistados moradores da área sul. Segundo Dal Pozzo<sup>11</sup> (2014, p. 168), na área norte de São José do Rio Preto, concentra-se grande parte dos loteamentos considerados irregulares e, acentuadamente, com condições precárias, não apenas em termos de padrões construtivos das habitações, mas também pela carência de infraestrutura e serviços urbanos, embora não desconsideremos que haja espaços segregados em outras áreas da cidade.

Ao falar sobre os *shopping centers* de São José do Rio Preto, Vivian citou apenas os três empreendimentos da área sul e, quando indagamos sobre o Shopping Cidade Norte, destacou elementos que o desvalorizam, delineando desconexões com esse espaço de consumo, do mesmo modo como fez com o centro tradicional, devido, principalmente, à presença de segmentos populares.

Eu gosto de um shopping center, que é o Plaza, aqui tem o Plaza, o Rio Preto e o Iguatemi. Eu gosto do Plaza porque ele é mais vazio. O Iguatemi eu acho muito longe, o Rio Preto é muita “muvuca”, então é um shopping que eu gosto de ir, para comprar. O centro da cidade, eu fui umas duas ou três vezes até hoje, uma das vezes, fomos comprar nem lembro o que e rodamos iguais loucos aquele centro, foi horrível. Já fui no centro, mas não é o meu espaço não, se tiver que ir, eu vou de novo, mas não é um lugar que prefiro para fazer compras, porque é um lugar bem popular, então a gente geralmente vai em shopping mesmo. (Vivian, professora universitária, 44 anos, Village Damha I, São José do Rio Preto)

Os símbolos e signos ligados a esses segmentos em ambos os espaços, com os quais os sujeitos entrevistados não se identificam, também foram mencionados. Esse aspecto confirma a necessidade de se levar em conta as classes sociais na produção do espaço urbano, uma vez que os esquemas sociais de classificações (bom, ruim...) reforçam lógicas de distinção, intensificando a produção do espaço fragmentado. Esse sistema de classificação é produto da incorporação de uma estrutura socioeconômica pelo sujeito social, que se impõe através da experiência de uma determinada posição nessa estrutura (BOURDIEU, 2008, p. 166).

Outro aspecto que chama atenção na fala de Vivian é o fato de terem “se perdido” quando foram ao Shopping Cidade Norte, indicando uma representação de rompimento da cidade, enquanto uma unidade, e, além disso, conferindo maior visibilidade para as diferenças (PRÉVÔT SCHAPIRA, 2001, p. 40), pela fratura das práticas espaciais que se expressa em São José do Rio Preto.

Essa representação de uma divisão entre as duas áreas da cidade foi reforçada em outras narrativas de entrevistados da área sul e da área leste, onde se implantaram os

---

<sup>11</sup> Análise baseada nos mapas de Inclusão e Exclusão Social, gerados com uma base metodológica desenvolvida no âmbito do CEMESPP.

empreendimentos do Grupo Damha. Tal representação pauta-se numa identificação com a área sul, quando se referem ao norte da cidade, reafirmando o papel estratégico do espaço urbano nas práticas de distinção social e a estigmatização dos moradores da área norte. Apesar de não se relacionar às questões acerca do consumo, a fala que segue exemplifica essa representação fragmentada da cidade.

[Em que bairro mora sua empregada?]

Na zona norte, o bairro eu não sei, a gente chama de zona norte onde as pessoas de classe C e D moram. (Ariane, 28 anos, dentista, Las Palmas, São José do Rio Preto)

Por conseguinte, as imagens que seguem mostram os elementos utilizados para indicar qual segmento socioeconômico cada espaço fechado de consumo busca atender, haja vista o maior estacionamento para motos, o portal de entrada pouco suntuoso, do ponto de vista arquitetônico, e sistemas de segurança mais evidentes nas imagens do Shopping Cidade Norte, como evidenciam as imagens da Figura 3.

O oposto se observa nas imagens do Shopping Iguatemi Rio Preto (Figura 4) que, tanto dentro quanto fora, congrega elementos valorizados pelos segmentos de maior poder aquisitivo, que com eles se identificam de forma ainda mais evidente do que nos outros dois *shopping centers*, Rio Preto Shopping e Plaza Avenida, sobretudo pela conexão viabilizada pela presença de franquias e das principais *griffes* femininas, masculinas e infantis.

As conexões entre os espaços residenciais fechados pesquisados e os *shopping centers* da área sul de São José do Rio Preto e as desconexões com Shopping Cidade Norte são reforçadas por meio de elementos semelhantes que se combinam ao estilo de vida distintivo dos seus moradores. Esse aspecto ajuda a compreender as desconexões produzidas pelos entrevistados com o Shopping Cidade Norte, que não dispõe de símbolos e signos com os quais se identificam, pelo contrário, já que tentam se parecer cada vez mais com a elite e buscam um distanciamento dos segmentos populares, tanto espacial, quanto simbólico.



**FIGURA 3:** São José do Rio Preto. Shopping Cidade Norte. Fotos: Patrícia Helena Milani, fevereiro 2014.



**FIGURA 4:** São José do Rio Preto. Shopping Iguatemi. Fotos: Patrícia Helena Milani, abril 2014.

Com implantação recente, o Iguatemi Rio Preto recorre a novas tendências arquitetônicas, mais modernas, com áreas de integração entre os espaços internos e externos<sup>12</sup> (Figura 4), estacionamento coberto para automóveis, menor padronização, na intenção de produzir espaços diferentes, mesmo num ambiente homogêneo. Assim, sobretudo, investe em simulações (BAUDRILLARD, 1991).

Em Catanduva, levando em conta o universo mais restrito em comparação a São José do Rio Preto, as análises das práticas espaciais e representações sociais se referem aos entrevistados do Residencial Acapulco, em suas relações com o Garden Shopping. Porém, outras relações se evidenciaram a partir de práticas dos sujeitos entrevistados que articulam escalas, as quais são fundamentais para se compreender o conteúdo socioespacial do processo de diferenciação.

Os elementos que compõem uma exclusividade com níveis inferiores ao encontrado nos *shopping centers* de São José do Rio Preto, tanto do ponto de vista das lojas, como dos elementos arquitetônicos que caracterizam o Garden Shopping, é desvalorizada, ou neutralizada, pelos entrevistados de Catanduva, com base nas conexões estabelecidas pelas práticas, justificadas pelo seu horário de funcionamento e pela associação entre consumo e lazer, como indicado nos depoimentos de Karen e Lucas.

Eu prefiro o shopping, é mais fácil porque tem estacionamento e porque tem várias lojas juntas. (Karen, 40 anos, professora, Acapulco, Catanduva)

Eu vou ao shopping. No meu caso, pelo horário de atendimento, *pra* mim, ir numa loja durante o dia me atrapalha muito. Posso chegar em casa às seis, sete horas da noite, tomar um banho: “ó preciso de uma roupa”. Vou ao shopping, porque as lojas ficam num horário diferenciado. (Lucas, 32 anos, comerciante, Acapulco, Catanduva)

No caso de Catanduva, as permanências de práticas de consumo são evidentes, não somente por predominarem no centro tradicional, mas porque algumas vão além disso,

<sup>12</sup> Áreas denominadas de “*open mall*”, contendo grandes espaços abertos voltados ao exterior e, no seu interior, grandes claraboias nos corredores principais, permitindo, assim, certa permeabilidade, não seguindo o padrão de “caixa fechada”, típico dos primeiros *shopping centers* (BORGES e GÓES, 2015), como verificamos principalmente no Rio Preto Shopping.

conforme explicitou Regina, com o uso da expressão “provinciano”. Tais práticas são reveladoras de uma proximidade entre consumidor e vendedor, que praticamente inexistem nas lojas dos *shopping centers*, principalmente nas de departamento, onde há pouca ou nenhuma relação entre os mesmos.

No centro, porque o shopping aqui é muito limitado, geralmente quando vamos passear que acaba comprando fora, vamos em Rio Preto. Mas é mais no centro mesmo, sempre vou onde é fácil de estacionar, por isso já vou lá no Bazar Luciana, onde é fácil estacionar, e o que eu preciso está sempre ali. Mas sempre estão entregando, as lojas que a gente tem conta, cadastro, ligam, sempre querem entregar alguma coisa, deixa as sacolas aí na portaria, “olha, tô te ligando para te deixar uma sacola aí, para provar as roupas”. Aqui tem bastante disso, ainda provinciano. Agora num bairro comum, esquece, nunca te acham e não há ninguém para receber, como aqui tem a portaria. (Regina, funcionária pública, 41 anos, Acapulco, Catanduva)

Mesmo residindo em um espaço residencial fechado e valorizando o estilo de vida distintivo a ele associado, há o reconhecimento dessas relações denominadas por Regina de “provincianas”. Tais relações ligam-se a um tempo anterior de “culturas tradicionais” (GIDDENS, 1991, p. 44), que contêm e perpetuam experiências de gerações<sup>13</sup>, evidenciando combinações de práticas espaciais de consumo, com mudanças, mas também permanências, que não se dão de maneira igual no contexto de São José do Rio Preto. Nessa cidade, as mudanças pautadas na vivência em espaços residenciais fechados, relatadas por seus moradores, impactam na escolha dos espaços de consumo, para a maioria, bem como numa desvalorização das “tradicionais” áreas e formas de consumo, sobretudo, no centro tradicional. Em Catanduva, observamos uma combinação mais significativa entre “velhas” e “novas” formas de consumir a/na cidade, enquanto em São José do Rio Preto, o abandono de “velhas” formas foi predominante.

Porém, quando articulamos as escalas de análise para compreender as práticas espaciais dos entrevistados de Catanduva que se deslocam para a segunda cidade com objetivo de fazer compras, identificamos a segmentação que está em curso, na medida em que escolhem os *shopping centers* localizados na área sul, valorizando os mesmos elementos dos entrevistados de São José do Rio Preto.

As falas dos entrevistados de Catanduva demonstram que as conexões com os *shopping centers* de São José do Rio Preto são relevantes para entender esse processo. A referência crítica ao Garden Shopping é reveladora de tais conexões, que são substanciadas por algumas “amenidades”, como a curta distância entre as duas cidades<sup>14</sup>, do ponto de vista

<sup>13</sup> Por outro lado, a tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assume sua herança cultural, na concepção de Giddens (1991, p. 44). Segundo o autor, a tradição não só resiste à mudança, como permanece num contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa.

<sup>14</sup> Aproximadamente 58 Km.

dos entrevistados, que pode ser percorrida rapidamente nos horários e dias de preferência, pela utilização de automóveis particulares, aumentando suas possibilidades de articulação escalar, não somente em relação a São José do Rio Preto, como demonstram as referências a compras em São Paulo, por exemplo.

Vou muito nas lojas de sapato, na Tarô<sup>15</sup>, **bom, para ser sincera, eu compro mais em Rio Preto, no shopping mesmo**, ou quando eu vou a São Paulo, mas, por exemplo, eu faço artesanato, então eu uso muito as lojinhas que tem lá no centro da cidade [*de Catanduva*], pra tinta, *pra* todas essas coisas. *Pra* roupa, calçado, eu quase não compro aqui. (Grifo nosso. Célia, 59 anos, aposentada, Acapulco, Catanduva)

Tais conexões correspondem parcialmente àquelas identificadas em São José do Rio Preto, baseadas nas imagens e no estilo de vida próprio desses espaços residenciais fechados, no âmbito dos quais *shopping centers* são representados como espaços “seguros” para o consumo, devido às lógicas que se combinam.

Nos shopping, você tem a segurança, o conforto, liberdade, porque **você pode caminhar à vontade, coisa que no centro você já não pode**. Acho que o conforto é tudo, pode deixar as crianças andarem à vontade, tanto que as crianças vão na frente e aqui dentro [*do Residencial Acapulco*] é a mesma coisa. (Grifo nosso. Regina, funcionária pública, 41 anos, Acapulco, Catanduva)

Nesse caso, a ênfase na questão da segurança, proporcionada pelo *shopping center* e pelo espaço residencial fechado, chama mais atenção quando se leva em conta as particularidades de práticas características da vida cotidiana de uma cidade média com níveis menores de complexidade que, no entanto, são desconsideradas pela entrevistada.

Alguns aspectos que os entrevistados representam como negativos, que caracterizam o centro tradicional, compareceram nas narrativas tanto de Catanduva, quanto de São José do Rio Preto, como o trânsito excessivo e a falta de estacionamento, porém, há menor preocupação com a segurança e com a distinção social no caso da primeira cidade.

O centro hoje está com um problema muito grande de estacionamento, não tem mais lugar *pra* se estacionar, então eu acho um ponto negativo essa coisa do estacionamento. (Célia, 59 anos, aposentada, Acapulco, Catanduva)

No centro, de ruim, é falta de lugar *pra* parar, é estacionamento. (Lucas, 32 anos, comerciante, Acapulco, Catanduva)

Nossa! Lugar de estacionar não acha. Isso é negativo. (Karen, 40 anos, professora, Acapulco, Catanduva)

A principal diferença identificada diz respeito aos demais elementos desvalorizados pelos entrevistados de São José do Rio Preto no centro tradicional, ligados principalmente

<sup>15</sup> Cujos produtos são das marcas Carmen Stefans, Schutz e Santa Lolla, produtos franqueados, destinados tendencialmente para segmentos de médio e alto poder aquisitivo.



à presença majoritária dos segmentos populares, já que os segmentos de médio e alto poder aquisitivo optam, de maneira cada vez mais significativa, por outros espaços de consumo na cidade. Por outro lado, em Catanduva, no contexto intraurbano, a principal centralidade continua sendo exercida pelo centro tradicional, tanto para os segmentos de médio, como de baixo poder aquisitivo. No seu espaço público, há permanência em relação à concentração do maior fluxo de pessoas, informações, produtos, enfim, a possibilidade do encontro que lhe é própria, mesmo que não consideremos a sua qualidade, entre sujeitos sociais diferentes socioeconomicamente.

Se as conexões estabelecidas através das práticas espaciais dos entrevistados de Catanduva com o Garden Shopping pouco revelam sobre distinção social, quando as conexões ultrapassam a escala da cidade e se referem aos *shopping centers* de São José do Rio Preto, a valorização da distinção social está presente, como demonstra a resposta seguinte:

Gosto das marcas, da variedade de lojas, livrarias, que eu gosto muito de livrarias, e lá no shopping tem algumas que eu gosto, no Rio Preto Shopping. Então eu sempre me resolvo ali no shopping mesmo. (Célia, 59 anos, aposentada, Acapulco, Catanduva)

Revelando conexões entre o Residencial Acapulco de Catanduva e certos *shopping centers* de São José do Rio Preto, as práticas de consumo descritas justificam-se não apenas pelo fato de serem espaços fechados, mas também pelas suas estruturas físicas e simbólicas que se relacionam ao estilo de vida que eles valorizam. Nesse sentido, alimentam um *habitus* (BOURDIEU, 2007), tal como fazem os moradores de espaços residenciais de São José do Rio Preto, ligado a espaços de consumo que colocam esses sujeitos em sintonia com movimentos, tendências e referenciais culturais tipicamente metropolitanos (GÓES, 2013, p. 7). Assim se justifica a incorporação dos *shopping centers* à escala de análise, como importantes centros de difusão, onde ócio e negócio, produção e consumo, necessidade e desejo se mesclam nesse espaço complexo de usos e significados sociais (ALONSO, 2005, p. 117).

Ao articularmos escalas, verificamos que o gosto, propensão e aptidão para a apropriação – material e/ou simbólica – de determinados objetos e práticas é a fórmula geradora que se encontra na origem desse estilo de vida distintivo (BOURDIEU, 2008, p. 165), consumido e valorizado pelos sujeitos entrevistados nas duas cidades. Nesse sentido, é significativo que a maneira de se diferenciar no âmbito do consumo, descrita pelos

entrevistados de Catanduva, não é frequentar o Garden Shopping, tampouco o Shopping Cidade Norte, mas o Rio Preto Shopping<sup>16</sup>.

O shopping daqui [Catanduva] demorou doze anos para ser construído, então o conceito de anos atrás era outro, o número de automóveis mudou completamente, entendeu? Então ele nasceu velho, quando ele nasceu “mas olha já está tudo errado”, em doze anos muda-se muito, condições do comércio, muda muita coisa. **E aqui em Catanduva tem aquela mentalidade de que quem tem um pouco mais [de dinheiro] vai para Rio Preto no shopping.** (Grifos nossos. Regina, funcionária pública, 41 anos, Acapulco, Catanduva)

A análise comparativa entre duas cidades médias com diferentes graus de complexidade possibilitou a apreensão do processo de diferenciação socioespacial, enquanto processo contínuo de produção do espaço urbano, que aprofunda diferenças.

No contexto da investigação, a diferenciação socioespacial se expressa espacialmente a partir das práticas espaciais e, portanto, dos sujeitos que produzem esses espaços urbanos. Consideramos que dentro das possibilidades que são fortemente dirigidas pelos agentes econômicos<sup>17</sup>, os quais produzem espaços<sup>18</sup> concretos favoráveis a contextos de interação social e estruturas de significações, que atendem aos anseios dessa classe média e correspondem ao estilo de vida distintivo que desejam produzir no período atual<sup>19</sup>.

#### 4. Considerações finais

A combinação entre a produção material desses espaços de moradia e consumo e a busca dos sujeitos sociais de classe média por lugares cada vez mais exclusivos e excludentes que resulta no êxito desses empreendimentos. Além disso, o mercado criou uma demanda por esses espaços e formas de consumir, por meio de uma intensa produção de subjetividades<sup>20</sup>, preferências distintivas e novas necessidades de consumo que diferem dos períodos anteriores, das “tradicionais” formas de consumir, embora elas não tenham deixado de existir, lançando foco para a valorização de espaços que expressam conforto e

<sup>16</sup> Quando realizamos grande parte das entrevistas com moradores do Residencial Acapulco, de Catanduva, o Iguatemi Rio Preto não havia sido inaugurado.

<sup>17</sup> Guiados pela necessidade de reprodução do capital no espaço urbano, por meio da comercialização dessa nova forma de morar, destinada àqueles que já possuem casa própria, como se evidenciou entre os entrevistados.

<sup>18</sup> As atividades econômicas em cidades médias, antes preponderantemente afeitas à ação dos capitais de alcance local e regional, passaram a receber vetores econômicos de maior amplitude espacial, promovendo reestruturações de toda ordem, incluso as relativas às práticas dos cidadãos em seu cotidiano de vida nestes espaços (SPOSITO, 2011, p. 11).

<sup>19</sup> Haja vista o pouco êxito dos espaços residenciais fechados lançados na década de 1970, em São José do Rio Preto, os quais apenas posteriormente tiveram seus lotes vendidos, de maneira mais significativa, a partir da década de 1990.

<sup>20</sup> A manipulação comercial das imagens ganha centralidade no atual período, mediante a publicidade, a mídia e as exposições, constituindo performances e espetáculos da trama urbanizada da vida diária, o que determina, portanto, uma constante reativação de desejos por meio de imagens (FEATHERSTONE, 1995, p. 100).

praticidade, combinando-se com a valorização da segurança e da exclusividade, portanto, opondo-se à cidade, cada vez mais representada como violenta ou perigosa.

Assim, as práticas de consumo dos entrevistados de Catanduva nos *shopping centers* de São José do Rio Preto reforçam o papel de centralidade que a segunda cidade exerce no contexto da rede urbana e, ao mesmo tempo, revelam que a classe média, a qual possui um importante papel na produção do espaço urbano das cidades pesquisadas, está cada vez mais conectada a um sistema global que estrutura muitas preferências de consumo, influenciando em escolhas que transcendem os limites da própria cidade.

Não se trata de comprovar em qual cidade há maior ou menor expressão do processo de diferenciação socioespacial, mas de evidenciar que a análise desse processo não pode desconsiderar as práticas espaciais dos sujeitos que articulam escalas em suas práticas cotidianas, dando conteúdo espacial e temporal ao processo de separação.

## 5. Referências bibliográficas

ALONSO, Luis Enrique. **La era del consumo**. Madrid: Siglo XXI, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Antropos, 1991.

BORGES, Marina C. Costa; GÓES, Eda M. **Uma cidade, um shopping, uma experiência**: o Shopping Iguatemi Ribeirão Preto e as relações reais e simuladas com o espaço urbano. Relatório de Iniciação Científica. Universidade Estadual Paulista. FCT – UNESP, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. \_\_\_\_\_. *O habitus e o espaço de estilos de vida*. In: \_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Fragmentação socioespacial em cidades de porte médio paulistas**: rede de relações socioespaciais seletivas e consumo segmentado na cidade. Relatório de qualificação. Programa de Pós Graduação em Geografia. FCT – UNESP, 2014.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

GÓES, Eda M. Entre fragmentos e continuidades: os enclaves fortificados e os novos conteúdos da vida urbana. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 8, **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana**. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France; PINEDA, Rodrigo C. Buenos Aires: la fragmentación en los interstícios de una sociedad polarizada. **Revista Eure**, Santiago, Chile, v. XXXIV, n.103, p. 73-92, dez. 2008.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SVAMPA, Maristella. **Los que ganaron**: la vida em los countries y barrios privados. Buenos Aires: Biblos, 2001.